

**DIA DO CHÁ NA OFICINA DE ARTESANATOS**

29-09-2012

\_ Bolo prontinho. Pode levar? Foi logo experimentando um tiquinho, hum hum hum bom! Disse uma mulher nova, uns cabelos louros até o pescoço, altura acima da média e corpo modelo para a minha Esposa Tereza, que acaba de assar a prenda do dia.

\_ Estamos no setor de trabalho da Cantina do JSPCM. Eu, encostado no balcão, todo contrito no canto como se já tivesse dentro da sala de chá, a minha Esposa Tereza e a orientadora. Querem estas embalar o bolo que acaba de sair da forma.



*Sala de Artesanato do Eco-Museu*

\_ A vila já entra no final do expediente e aos poucos se assanha, passando gente ali para o ponto do carro que vai descer para o Abraão. A JESICA formula os convites do chá

que vai dar na Sala de Artesanato. O senhor está convidado – vai ser feita uma oficina de artesanato com a comunidade, agora de tarde na sala lá da escola; foi saindo sem despedir e ganhando o caminho em direção a alameda central, onde o sol pega os coqueiros acenando para esquentar-lhe as palmas agitadas ao vento.

— Neste instante os convidados vêm aos poucos passando. Boa tarde; acena lá de longe o senhor Júlio; velho de aparência sadia, de barba crescida que vem fazer artesanato na rua.

— Está indo, seu Júlio?

— Ainda vou a casa e volto. Já mandaram me chamar para a reunião da oficina na sala de artesanato. Vai fazer trabalho e assim sucessivamente!

Agora o seu Júlio de Almeida, como todo mundo sabe é o artesão Júlio, trabalhador que vem dos velhos tempos no presídio; agora trabalha na sua casa, para o projeto de artesanato, quando se cansa vem trabalhar no meio fio da esquina debaixo do porte de luz, alisando um pedaço de madeira. Aproveitando o calor do mês de setembro e a aragem agitando as folhas das mangueiras que, escuda as casas e a escola de dois andares. Lá por dentro da escola está o movimento do pessoal trabalhando na oficina. Ouve-se a conversa de gente no pátio e, o chiado do sabiá nos galhos que enche a copa das árvores.

A zoeira do carro da tarde chegando ao ponto cobre os rumores do dia que, termina cantando com os passarinhos que bole nas árvores açoitadas pelo vento. Uma macacada ronca por longe. A zoeira do carro é forte, mais alto que tudo.

E o artesão, de cabeça baixa atrás da barba, ficara furioso no ofício. Ouve o zunzum do dia. Lavra mais um pouquinho o pedaço de madeira. Um cão perdido vem para bem perto do ponto. O animal é manso. O Pedrinho levantou-se, acaricia a cabeça para o bicho agradecer. Depois voltou para o seu lugar e começa a falatória outra vez. Pelas curvas do arruado vai gemendo o carro do horário das quatro horas da tarde, carregado de gente que vai para o Abraão. O motorista segurou um pouco no ponto para conversar com seu Neto. Estava precisando de se informar de ordens talvez.

O Neto olhou para o motorista. E lhe falou, com a voz mansa, como se não estivesse com a alma sobrecarregada de problemas.

O motorista saiu. O carro canta nos eixos ajustados, com o peso da carga. Vai de palmeiras afora. O carro na curva da praça sacudiu a ferragem. Mais uma vez os passarinhos voaram com medo, mais uma vez o silêncio da vila se perturba com o ronco da macacada enraivecida na floresta. Volta na gente o sentimento latente: o movimento se esgotara, todo mundo foi embora o cachorro fica aqui

parado perdido a chorar de fome que nem um manteiga derretida. Seu dono, sua gente é o culpado de tudo. O sol está mais para o poente. Agora sopra uma brisa que agita as mangueiras e os galhos do milho-cozido, que mexe seus cachos floridos. Um cheiro ativo de arruda recende no ar, enchendo de perfume o pobre arruado que dá para as bandas dos artesanatos. Ouve-se já bem distante as músicas que se consome na vila. Ninguém está livre nesta hora. Todos só desejam a oficina de artesanato. Bem em cima de um galhinho seco de abacateiro velho começa a cantar um canário trincador cor de gema de ovo. O velho Júlio já está acostumado com este cantar de um pássaro livre. Que canta à vontade. Bate forte na gente, bate para doer na sua carcaça que é cansada do cárcere. Que lhe importa o passado da Prisão Colonial? Que lhe importa a desativação do velho Cândido Mendes? O povoado que ficou morre de saudade. O canário não se importa com a presença minha e nem a do artesão. Um silêncio medonho envolve tudo, num instante, como se o mundo tivesse parado, também. O seu Júlio de Almeida pára de trabalhar no seu gancho de pau, parara de cantar o canário do abacateiro velho. Um silêncio de segundos, do cafundó do mundo. O senhor Júlio arribou para o lado de sua casa:

— Já vem chegando à hora de fazer presença na oficina. Ele se

apressa para guardar os seus apetrechos de trabalho solitário. Ainda há barulho de macaco na mata. O guia dos bichos tange o bando da fruteira para o poleiro do pernoite.

— Bicharada desgraçada, só pára o barulho quando anoitece – dizia o velho caminhando no seu passo cansado pelo peso do tempo que já vai além de oitenta e cinco anos.

— Macaco só faz barulhos, só dá ronco de aviso de reunião no território dele, no território dos outros, não.

Os passarinhos cantam pelas árvores que a gente passa por baixo, de ida para a Oficina. Todos que se encontra fala com hesitação; não é comentário para o sujeito deixar sem resposta. São gente muito boa que não gosta de ajuntamento. Traz certo orgulho de funcionário do governo no peito acabado com o presídio. Antes de chegar ao pátio do Centro de Cultura, resta um guarda no posto de saúde, dou uma derradeira conversa, vou daqui aproximando da Sala do Chá de hoje na Oficina inaugural do evento e deixando para trás os episódios da caminhada até aqui.

Logo ao chegar à porta da sala neste sábado com a honra de convidado para participar do Chá de inauguração do evento mobilizado, deparo com um mundo de artesanatos e muita gente fabricando bonequinhos. Nas paredes e nas estantes, alguns cenários, tomando conta do ambiente, que num repente me chama a atenção.

Aos poucos vou descobrindo tudo isto que se faz aqui mulheres e crianças: Entorno de uma mesa redonda ao centro cheia de pedacinhos de (retalhos plásticos, pano, linha, ferramentas e tinta), que são os materiais de trabalho dos artesãos.

As orientadoras JÉSSICA e MARILDA do projeto implantado há um ano e três meses. Elas iniciam hoje um trabalho de mobilização comunitária em prol do evento que ganha força, e, está aí o resultado – a produção vai participar de uma exposição na Cidade de Angra dos Reis no dia 19 de outubro, levando algumas peças que a partir daí vão está sempre em outras exposições na região. E os produtos podem virar objetos de decoração em lugar dos mais variados, como hotéis, pousadas, residências e etc.; pois, com nome dos artesãos estarão à venda para o público. São itens como pictóricos de garrafas pet e as esculturas em madeira diversas, de onde sai as (configurações do imaginário viladoisrioense, como na foto da primeira página), confeccionadas pelos artesãos da Oficina do Eco-Museu de Vila Dois Rios, que poderá ser visitado e ratificar tudo isso.

Inicialmente nem liguei para tudo aquilo, especialmente, queria saber e conhecer o que estava vendo. Ao lado direito da sala observei duas lindas estantes cheias de trabalho manual, do outro lado mais trabalho

manual como (painéis, quadros e também o Chá estava exposto entre uma mesa e outra); ao lado da porta de entrada havia lindas cadeiras confeccionadas de garrafas pet, umas coloridas, outras brancas servindo de móveis enchendo o ambiente, transpondo para o lado de fora e outras salas contíguas.

Aos poucos fui identificando os artesãos principais de Dois Rios, constatei logo na parede dos fundos da sala, mais a esquerda uma estante inteira de trabalho do seu Júlio, havia ali muitas esculturas pequenas de embarcações, silvestres, utensílios e outros ornatos, em fim, uma infinidade de manuais, já bem classificados com etiquetas do Eco-Museu, "Projeto Recicla", identificando o artesão. Pois, o ex-presidiário Júlio vai transformando em produtos tudo que o cerca atualmente.

Enquanto que a Marilda espalha no espaço ocupando quase todo o andar térreo, uma infinidade de elementos pictóricos. Impressionante é que há uma grande parte da produção, me parece que em andamento, explorando arranjos de folhas, flores, peixes e até o esporte a nível mundial, propaganda que faz sucesso nas bancas da Exposição de Avulsos na Copa vão dar graça a lembrança do mundial, em 2014, vai ela delineando uma linha ornamental de obra de arte para pendurar na parede nua que pedem ser preenchidas com seu trabalho leve.

Entre os artesãos da Vila Dois Rios, encontra-se a Sra. Edna, trabalhando no projeto, com arranjos dos mais diversos, destacando-se os arbustos em vasos e recicláveis menores, especialmente, selecionados nas cores que atende a visão da arte desenvolvida por ela, trabalhando em casa perfeitamente integrada ao Projeto Recicla.

A Oficina de Artesanato, atualmente, faz com que a comunidade esqueça a mudança da Biblioteca Comunitária, que no meado do ano de 2011 foi triste, para a Vila Dois Rios, que quase chorou com a transferência, mas foi uma solução encontrada para acomodar a Biblioteca e a Sala de Artesanato aqui no Centro Cultural José Carlos Dansige. A antecessora da JÉSSICA era a SABRINA, que foi encarregada da mudança e implantação do projeto que se desenvolve aqui aos olhos do Professor Ricardo Lima e de seu imediato Gelson, desenvolvendo o Eco-Museu deixado pela Professora Miryan Sepúlveda, depois da implantação do Módulo na antiga Padaria do Presídio, deixando uma infra-estrutura que vai sendo ampliada aos poucos.

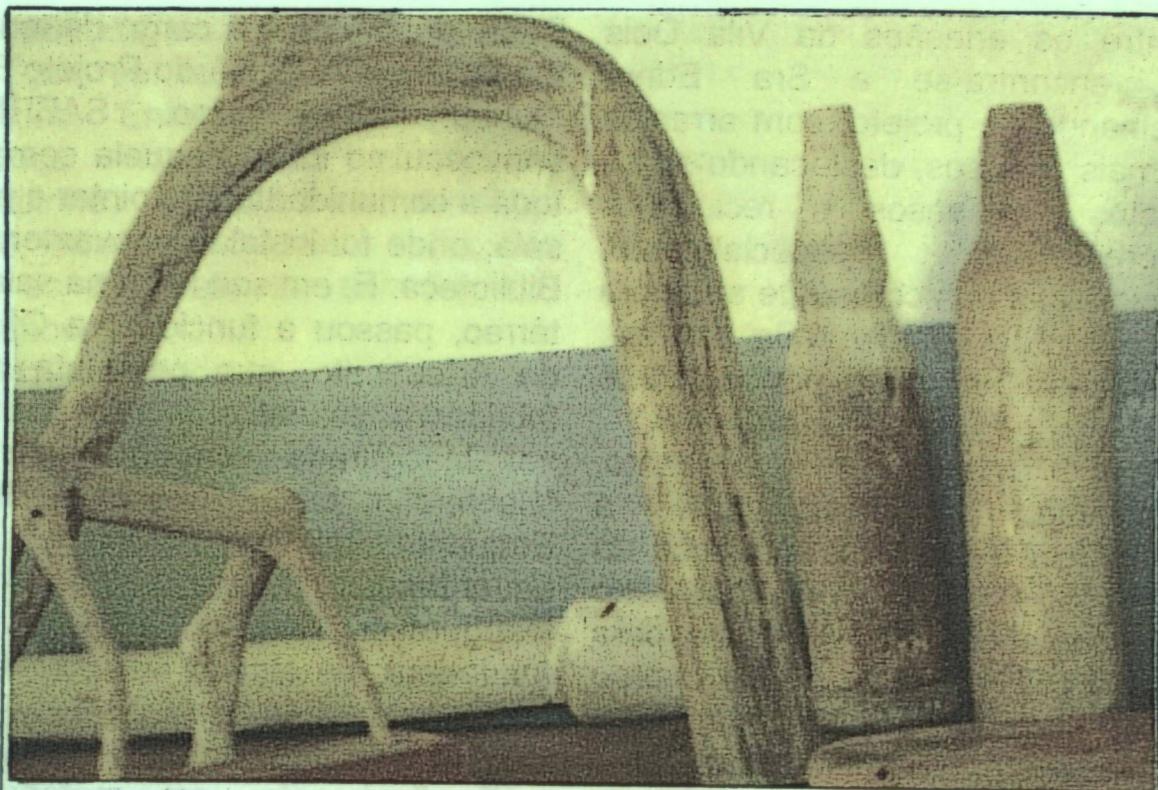
Quase choramos naquele dia 12/06/2011, com a descaracterização da Biblioteca Comunitária da Vila Dois Rios, montada pela bibliotecária da UERJ, Janny Linhares Fortes, que pena! Tinha ali a sua feição, que perdeu naquele dia com a mudança do térreo para o primeiro andar do prédio da antiga Escola Estadual

Padre Júlio Maria, a cargo da, então, funcionária SABRINA do Projeto Eco-Museu. Para isso SABRINA, convocou no início daquela semana, toda a comunidade para pintar a nova sala, onde foi instalada novamente a Biblioteca. E, em seu lugar na sala do térreo, passou a funcionar a Oficina de Artesanato, que pela luta para fabricar artesanatos a sala merecia ser inaugurada com o nome de "Sabrina" ou "Ricardo Lima". Enquanto que a Biblioteca está aguardando uma aclamada inauguração com o nome da sua fundadora, de alçada da Associação de Moradores da Vila Dois Rios, que nem se quer deu conta do fato.

E, finalmente, em matéria de artesanato, acho que deve ser contada uma estória do lugar, do seu povo, das lembranças, dos mitos, dos costumes, dos animais, das aves e etc. de forma mais ou menos autênticas. Até a desvairada paixão de algum personagem do local tem pelo seu clube de futebol (como e o caso de algum flamenguista). Tudo isso forma a memória que pode ser representada no conjunto artesanal de um determinado lugar.

Senti falta deste enredo nos trabalhos que estão sendo produzidos nesta nossa Vila Dois Rios de muitas estórias, com farto instrumento que pode aparecer na arte de cada um dos artesãos.

Obrigado minha gente: Jéssica, Marilda, Júlio! A todos que estão trabalhando, cada um do jeito no evento "Recicla".



*Peças de artesanato que estão sendo elaboradas*



*Cadeira de garrafas pet*

**EXPEDIENTE**

O TEXTO e ILUSTRAÇÕES \_ são da inteira responsabilidade de Hotair, Rua Paraná, nº 09, Vila Dois Rios, Ilha Grande, RJ.